

.. KARIIBU » KENYA ..

wimbo

Jambo Jambo Saaq habaki

mzuku sa wageni wakakibishwa kenya
yetu hakuna mataka niki kuchi hakuna

matata niki kuhuma hakuna mataka
niki kudapa hakuna mataka

wimbo

Simba wa guda ni nani Simba jwa
yuda ni yesu haliguruma dunia ni hakagoroni

msini haka mshika shetani haka mtungisha
kidojo

wimbo



A TRAJETÓRIA DE TRÊS VOLUNTÁRIOS
BRASILEIROS EM NAIRÓBI

JULIA TAVARES LINDNER

KARIBU KENYA

A TRAJETÓRIA DE TRÊS VOLUNTÁRIOS
BRASILEIROS EM NAIRÓBI

DEZEMBRO DE 2014

ÍNDICE

A REVOLUÇÃO E A AURORA 04

10 50 SORRISOS

UM LITRO DE LUZ 18

26 KABIRIA

KARIBU!

A expressão em suaíli, língua oficial do Quênia, é uma forma de dizer “seja bem vindo”. Esta edição especial traz uma série de reportagens de perfil sobre a atuação de três voluntários brasileiros em Nairóbi: Julia Nogara, Vitor Gomes e Renatha Flores. O objetivo é convidar o leitor a embarcar numa viagem pela capital de um dos países mais fascinantes da África, marcado pelo contraste entre a desigualdade social extrema e incontáveis riquezas naturais e culturais. Ao invés de se aventurar em um safári de jipe pela Savana, vamos enfrentar o trânsito caótico do centro urbano a bordo de um *matatu*, famoso meio de transporte coletivo. A poeira das ruas, o som no último volume e a alegria dos quenianos formam a rotina das regiões menos favorecidas da cidade.

A motivação para este trabalho surgiu da realização de um projeto social que teve como destino a capital queniana. Durante o planejamento da viagem, percebi a necessidade de oferecer um novo olhar sobre o país e seu povo, já que há pouco espaço na mídia brasileira para análises mais amplas sobre o período pós-colonial africano. A permanência de estereótipos, sob uma perspectiva ocidental, caracteriza a narrativa de conflitos, crises e tragédias, mas pouco se sabe sobre o contexto que existe por trás de tais acontecimentos. Depois do longo período colonialista, das décadas de monopartidarismo e da democratização marcada pela violência no processo eleitoral, o Quênia passa atualmente por um momento relevante de transição. Para problematizar o tema, foi de extrema importância refazer os passos dos personagens.

Acredito que a responsabilidade social é fundamental para o jornalismo. As histórias dos estudantes brasileiros em Nairóbi também indicam uma tendência de ação humanitária globalizada, que ocorre através de programas de intercâmbio de curta duração. As experiências trazem à tona questões internacionais graves, mas também soluções criativas encontradas por pessoas que buscam impactar comunidades carentes de forma positiva, transformando assim a realidade de uma parcela da população. A jornada desses jovens serve de inspiração para novas ideias, dentro de uma proposta economicamente sustentável.

Boa leitura,
JULIA TAVARES LINDNER





Foto: Julia Lindner

A REVOLUÇÃO E A AURORA

APÓS MAIS DE 70 ANOS DE DOMÍNIO BRITÂNICO
E QUASE QUATRO DÉCADAS DE PARTIDO ÚNICO,
O QUÊNIA EXPERIMENTA A DEMOCRACIA;
O MAIOR DESAFIO DO PAÍS AGORA É VENCER
SEUS GRAVES CONTRASTES

“A gente vive numa bolha.” A frase é do diplomata Marcelo Santos, 32, que trabalha na embaixada do Brasil no Quênia. Ele e a mulher vivem na capital do país desde o início de 2014, com planos de permanecer por mais dois anos, num bairro sofisticado chamado Gigiri. Ao redor, os muros enormes revelam, entre uma lacuna e outra, terrenos quilométricos e casarões. “Nós não temos do que reclamar, a vida aqui é boa, moramos numa casa espaçosa com jardim, o custo de vida é mais baixo do que em Brasília e, durante o final de semana, ainda podemos desfrutar de ótimos restaurantes”, conta Marcelo. Basta avançar de

ônibus em direção ao centro da cidade para que a pureza do ar seja substituída pela poeira das áreas menos favorecidas de Nairóbi. Em minutos, o que era verde vira cinza. A descrição demonstra a expressiva desigualdade social que existe nas principais regiões africanas.

Com habitação em condições precárias, assim como serviços sociais, comodidades básicas, saúde, segurança e meios de subsistência, a capital tipifica bem a crescente crise urbana da África subsaariana, com estimativas de que mais da metade da população não apresentou mudanças significativas em suas vidas



QUÊNIA

NOME: REPÚBLICA DO QUÊNIA
POPULAÇÃO: 45 MILHÕES DE HABITANTES
EXTENSÃO TERRITORIAL: 582.646 KM²
DISTÂNCIA DO BRASIL: 9.989 KM
LÍNGUAS OFICIAIS: SUAÍLI E INGLÊS
MOEDA: XELIM QUENIANO

na última década. Dados divulgados pela ONU Habitat, em 2011, indicam que aproximadamente 65% dos moradores de Nairóbi vivem em favelas. Centro econômico nacional, a cidade viu a sua população crescer de 120 mil, em 1948, para mais de 3 milhões, em 2009. Como consequência do crescimento desordenado, abriga duas das maiores favelas do mundo – Kibera, com mais de dois milhões de habitantes, e Mathare, com cerca de 600 mil. De acordo com um levantamento feito pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU, em 2014, a população do país é de 45 milhões de pessoas. Dessas, três milhões e meio moram na capital.

O Quênia é uma construção política decorrente da colonização britânica, iniciada no final do século XIX e terminada mais de sete décadas depois. Os ingleses foram responsáveis pelas atuais fronteiras do país, que acabaram separando etnias aliadas e unindo rivais. Assim, a população, com mais de 40 tribos, se

enfraqueceu entre disputas internas, enquanto os colonizadores tiveram maior facilidade para explorar as riquezas naturais do território. Em 1950, começaram a surgir movimentos pela independência, sendo o principal da tribo Kikuyu, denominado Mau Mau. Os líderes da revolta exigiam o fim das leis britânicas, a expulsão de colonos brancos e a redistribuição de terras entre africanos. Após anos de conflitos, a independência foi declarada em 1963.

O líder nacionalista Jomo Kenyatta foi o primeiro presidente do Quênia independente. Foi substituído em 1978, após sua morte, por Daniel arap Moi, que permaneceu no poder por 24 anos – em 1992 ocorreram as primeiras eleições diretas, porém com suspeitas de irregularidade, violência étnica e forte segregação da oposição. A repressão e corrupção durante o Estado de partido único, considerado por alguns historiadores como uma ditadura não declarada, além da quase ausência de melhorias sociais, acentuaram a insatisfação de mui-



Rua de Mathare durante as eleições de 2013.
Foto: João Victor Bolan

tos quenianos. Em 2002, Mwai Kibaki venceu as eleições com a promessa de uma nova era democrática. O seu governo, contudo, ganhou destaque pelas disputas internas e escândalos de improbidade administrativa.

A segunda eleição do Quênia como nação democrática foi marcada pela continuidade de um estado de crise que se prolongara desde a saída de Moi. O pleito ocorreu em dezembro de 2007, amplamente condenado como fraudulento pela oposição. Raila Kibaki, mesmo rejeitado, declarou vitória, o que resultou em um desastre humanitário. Mais de 1.200 pessoas morreram e cerca de 600 mil foram desalojadas de suas casas. A assistente social Isabel Onondi, 45, fez parte dessa estatística. Ela morava na região Norte do Quênia, em Rift Valley, um dos lo-



Sala de votação em Nairóbi.
Foto: João Victor Bolan

cais mais afetados pelo conflito – milhares de casas foram atacadas, saqueadas e incendiadas. Alertada por amigos previamente, Isabel teve uma hora para reunir alguns de seus pertences e fugir para Nairóbi com a família, onde vive até hoje, na favela de Kibera.

Para Isabel, este foi o período mais obscuro da história do Quênia. “Agradecemos por estarmos vivos para compartilhar essa triste experiência. Muitas pessoas se arrependeram e perceberam que foram manipuladas para agir daquela maneira. Todos devem ser respeitados como seres humanos, independente de cor ou tribo. Levou um tempo, mas não acredito que isso vai se repetir”, opina. O embate foi tanto constitucional quanto político, mas também representou uma crise de nacionalidade, identidade e patrimônio. O atual presidente do Quênia, eleito em 2013, é Uhuru Kenyatta, filho de Jomo Kenyatta, o “pai da independência”, e possui muitos desafios pela frente, principalmente a unificação do povo.

“As tribos ainda têm forte influência, mas agora coexistimos em paz, especialmente em Nairóbi, que reúne pessoas de diferentes regiões”, afirma Linus Onyango, 27, responsável pelo Fórum da Juventude da Unesco no Quênia. Para ele, é a conjuntura política que divide a população. “Conheço pessoas brilhantes com formação universitária que não conseguem emprego, porque a questão étnica interfere na contratação de cargos. Não digo isso de todos os lugares, mas da maioria, que não valoriza as habilidades de cada um, e sim a origem tribal. É surreal, mas muitos ficam desempregados por causa do seu segundo nome”, conta. Linus acredita que apenas através do acesso à educação é possível combater esse tipo de rivalidade e evitar que jovens sejam utilizadas como manobra de poder.



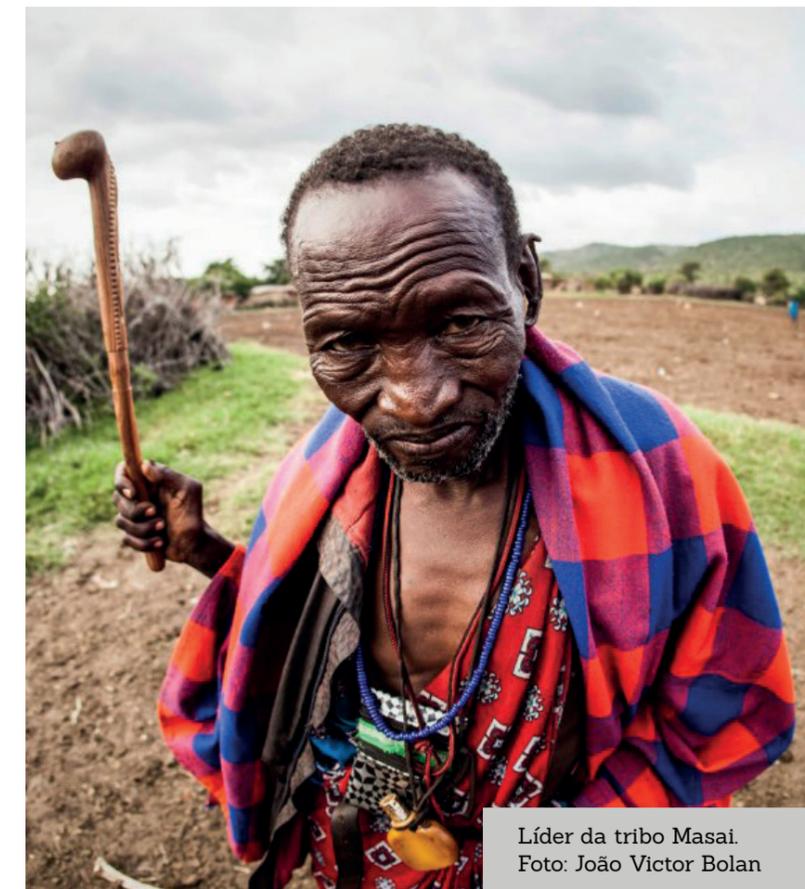
Tradição expressa em cores.
Foto: João Victor Bolan

Cerca de 80% da população queniana possui menos de 35 anos, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). A maioria deles continua experimentando baixos níveis de rendimento escolar – 62% têm nível primário, 34% ensino secundário e 1% formação universitária. Números que se refletem no mercado de trabalho. Enquanto a taxa de desemprego entre jovens é de 67%, para os que possuem nível superior é de apenas 8%. Segundo uma análise elaborada pelo Kenya National Bureau of Statistics (KNBS), entre 2003 e 2009, houve um crescimento de 25% na economia, o que coloca a nação do Leste Africano como a nona mais rica do continente. O avanço para um Estado de renda média foi impulsionado principalmente pela agricultura, fabricação e setores imobiliários.

O rápido crescimento econômico beneficiou apenas uma pequena parcela da população e não foi acompanhado pela oferta de oportunidades de trabalho, 743 mil novos empregos foram criados em 2013 contra quase dois milhões de candidatos às vagas. Além disso, não há compatibilidade entre a formação educacional e as demandas do mercado, considerando que grande parte dessas pessoas não possui as qualificações exigidas pelas empresas. Além dos níveis de desocupação, a pobreza também continua em alta. É improvável que o país cumpra o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio (ODM), estabelecido pela ONU, de reduzir pela metade a miséria até 2015. Dados recentes da organização sugerem que 45% da população vivem com menos de R\$ 3,50 por dia e mais de 65% com menos de cinco reais.

Devido às questões sociais, Nairóbi se tornou um centro estratégico para acomodar causas humanitárias. Além de possuir relativa estabilidade, o território é cercado por países afetados por conflitos, como Somália, Sudão, Uganda e República Democrática do Congo, o que facilita o acesso de ONGs. A proximidade com esses locais também pode gerar problemas. As tropas militares quenianas entraram na Somália em outubro de 2011 para conter a ameaça do movimento islâmico Al Shabab, grupo acusado de sequestro e assassinato de turistas e trabalhadores, resultando em diversos ataques de represália no Quênia. Um dos principais ocorreu no luxuoso shopping de Westgate, em setembro de 2013, no qual aproximadamente 70 pessoas morreram. Renata Rossi, 27, é funcionária da embaixada brasileira e mora perto do local. No dia do incidente, ela tinha planos de almoçar lá com a mãe. “Tomamos algumas precauções, desde então eu evito circular em centros comerciais durante os horários de pico, mas não deixamos de viver por causa disso.”

Apesar do número de brasileiros ser pouco significativo no Quênia (o governo sequer possui uma estimativa precisa), existem muitos elementos que conectam os dois países, como vínculos históricos, sociais, geopolíticos e, nos últimos dez anos, ligações econômicas. Ambos compartilham os efeitos perversos do tráfico de escravos, a pobreza rural severa e as metrópoles sobrecarregadas. Para o professor Sílvio Correa, 46, especialista em História da África, analisar os processos contemporâneos de descolonização e independência permite colocar em perspectiva desafios de vários países africanos e latino-americanos, relacionados à cidadania e inclusão de minorias. É neste contexto que se insere a série de reportagens de perfil a seguir, sobre a atuação de três voluntários brasileiros em Nairóbi: Julia, Vitor e Renatha.



Líder da tribo Masai.
Foto: João Victor Bolan

50 SORRISOS

Julia Marcon, 27, criou um projeto social que garante educação gratuita a crianças e adolescentes de favela



Denis, um dos alunos de Ngotas Upendo.
Foto: João Victor Bolan

13h. Hora do almoço na escola Ngotas Upendo. Enquanto alguns dos 50 alunos se levantavam apressados a caminho de suas casas para comer, a maioria continuava onde estava. Para distrair a fome valia tudo, especialmente dançar e cantar. Parada num canto da sala pequena e escura, Julia Marcon observava a cena, surpresa com a alegria dos quenianos, que nunca reclamavam e se mantinham dedicados às tarefas diárias. Logo na primeira semana, seus pensamentos foram interrompidos por uma menina de dez anos que a puxou pelo braço. Ela vinha confidenciar que um de seus colegas não se alimentava há três dias.

O menino era órfão e estava fraco. A brasileira caminhou até um mercado próximo e comprou para ele chapati, tipo de pão indiano muito popular na cidade, e suco. Enquanto andava, o forte cheiro de lixo e esgoto parecia mais intenso do que de costume. O episódio fez com que a estudante de Economia e Relações Internacionais, na época com 24 anos, se empenhasse ainda mais para ajudar a escola. Após fazer uma relação entre itens necessários e preços, entrou em contato com amigos e familiares para pedir doações – a meta era conseguir R\$ 4.000 até o final da viagem. A situação da comunidade comoveu diversas pessoas, entre elas Giovana Rebelatto e Gabriel Santos, que se tornaram parceiros de Julia na tarefa de arrecadação no Brasil.

Com o nome de 50 Sorrisos, a ação se transformou numa Organização Não Governamental (ONG) consolidada e bem sucedida, que, três anos depois, garante ensino básico gratuito à parte dos moradores de Mathare, segunda maior favela do Quênia. Os recursos acumulados mensalmente através de uma sede em Florianópolis são destinados a Ngotas Upendo e divididos entre áreas como alimentação, saúde e infraestrutura. Desde 2011, o número

de alunos matriculados na instituição de ensino informal quase triplicou, passando para 130 crianças e adolescentes. O corpo docente também aumentou, com cinco novas contratações, totalizando uma equipe de sete professores que se dividem entre oito turmas.

Ao lembrar como tudo começou, Julia revela que antes de embarcar no avião para Nairóbi pouco sabia sobre o Quênia. Na verdade, ela mal sabia onde iria morar. A viagem aconteceu por acaso, durante uma conversa com uma amiga, e planejada em menos de um mês. Ela se inscreveu num programa de intercâmbio social, com duração de sete semanas, através de uma organização internacional chamada AIESEC – gerenciada por universitários e considerada a maior do mundo neste quesito, com 100 mil membros. Recebeu uma lista com opções de projetos compatíveis com os seus interesses e foi ela quem decidiu que trabalharia na área educacional em Ngotas. “A escola ficava num galpão. Não tinha nada. Como não havia recursos, o diretor disse que eu poderia



Durante o intervalo das aulas, Julia costumava brincar com os alunos. Foto: arquivo pessoal

Até 2013, a única divisão entre as salas de Ngotas eram lençóis. Foto: João Victor Bolan



AS CRIANÇAS CHEGAVAM A DIVIDIR OS POCOS LÁPIS DISPONÍVEIS, O QUE DIFICULTAVA O PROCESSO

ajudar da maneira que achasse melhor”, conta.

Enquanto a catarinense planejava novas formas de apoiar a escola, também dava aulas de matemática. Segundo ela, as crianças chegavam a dividir os poucos lápis disponíveis, o que dificultava o processo de aprendizagem. “Eu gostava muito de lecionar, pois as crianças eram muito dedicadas. Algumas vezes chegavam a ficar impacientes aguardando para utilizar os materiais e resolver logo os exercícios. Não saiam da aula até completar tudo e acertar as respostas”, orgulha-se. Ela dividia o espaço com outros dois professores, literalmente, pois a única coisa que separava as três turmas eram lençóis. Dessa forma, para que todos pudessem aprender, alunos de séries diferentes eram organizados em grupos de dois em dois, das classes um a seis. Os bebês do maternal passavam o dia brincando ao lado de fora.

“A Julia chegou aqui com uma visão diferente dos outros voluntários e conseguiu transformar a realidade da escola completamente, o que é impressionante”, afirma o pastor Josephat Okama. Aos 42 anos, ele é diretor de Ngotas desde a sua fundação, em 1993. Morador de Mathare há mais de duas décadas,

percebeu, através do seu trabalho na igreja, que as crianças da comunidade costumavam passar o dia na rua por não ter onde estudar. As causas iam desde a falta de vagas em escolas públicas até questões financeiras, já que os pais não conseguiam pagar as taxas escolares exigidas em instituições formais. Foi então que decidiu fazer algo a respeito.

Por mais de 15 anos a pequena escola primária Ngotas Upendo manteve-se de forma improvisada, assim como tantas outras instituições que surgiram de maneira independente para suprir as demandas da comunidade, em grande parte desassistida pelo Estado. Os funcionários costumam ser recém formados no ensino médio que, sem condições de frequentar a universidade, buscam algum tipo de ocupação. Durante a estadia de Julia em Nairóbi, ela pôde compreender melhor a realidade local e as necessidades das pessoas com quem convivia diariamente. Aos poucos, conseguiu dinheiro para a pintura e limpeza da ONG. Depois, para a compra de parte dos materiais escolares. Enquanto não havia recursos suficientes para um almoço completo, passou a comprar bananas pelas manhãs. Antes de retornar ao Brasil já possuía uma quantia suficiente para

um mês de refeições.

Quando estava planejando a construção de um espaço adequado para o armazenamento da comida, notou que o orçamento estava alto demais. Reclamação comum entre os estrangeiros, que recebem o chamado preço de *mzungo* (expressão em suaíli para descendentes de europeus) muito mais elevado do que o habitual. Conversou com os responsáveis pela AIESEC no Quênia, que se ofereceram para ajudar, em especial Maureen Gituru, estudante de Ciências Políticas na Universidade de Nairóbi. Já conhecida por Julia, a queniana também era voluntária na escola, o que facilitou o diálogo. A ideia era que ela se tornasse uma representante da 50 Sorrisos continuamente, como uma pessoa de confiança que pudesse gerenciar e supervisionar os trabalhos. Desde então, as duas conversam todos os dias.

Maureen, 25, mora numa vila a 45 km da favela e leva uma média de duas horas e meia para ir da sua casa até Mathare. Ao longo do percurso ela precisa trocar de *matatu*, van que funciona como principal meio de transporte

coletivo da cidade, de três a cinco vezes. Uma jovem de classe média, que diz vir de um lugar totalmente diferente. “Muitas pessoas, inclusive amigos próximos, perguntam por que eu continuo indo à favela. Falam que estou perdendo o meu tempo e que deveria encontrar um emprego apropriado. Mas, a forma como essa experiência mudou a minha vida é algo que nunca vão entender. Não há nada mais gratificante do que perceber que você está fazendo a diferença na vida de uma criança”, emociona-se.

O último dia de Julia em Nairóbi marcou também o primeiro almoço na escola. O projeto 50 Sorrisos começou de fato quando a jovem retornou ao Brasil. Para manter as despesas do programa de alimentação, dos uniformes, medicamentos e materiais escolares, era sugerida uma espécie de apadrinhamento para as crianças no valor de 20 reais. E deu certo. Através de um site oficial e de redes sociais, Julia divulgava informações atualizadas sobre Ngotas. O dinheiro das contribuições – entre dois e três mil reais por mês – era enviado à Maureen, que ficava responsável por todas as compras e pagamentos. O sistema funciona da mesma forma até hoje, sem custo algum para as famílias beneficiadas.

“Não cobramos nada das crianças, o que se torna um grande alívio para os pais que não podem nem pagar uma refeição”, reflete Maureen. Segundo ela, o programa de alimentação é a ação mais importante do projeto, pois incentiva a frequência escolar, além de aumentar expressivamente os níveis de aprendi-

“A JULIA CHEGOU AQUI COM UMA VISÃO DIFERENTE DOS OUTROS VOLUNTÁRIOS E CONSEGUIU TRANSFORMAR A REALIDADE DA ESCOLA COMPLETAMENTE, O QUE É IMPRESSIONANTE” JOSEPHAT OKAMA



Grãos, como feijão e milho, fazem parte da base alimentar da escola.
Foto: João Victor Bolan

dizagem dos alunos. “Se não há comida, os pais chegam a tirar os filhos da escola para que trabalhem e ao menos consigam algum dinheiro para encher a barriga”, completa. Uma das preocupações da ONG é justamente em relação aos familiares, com quem fazem acompanhamento. Entre os planos para o futuro estão projetos que incentivem a capacitação dos responsáveis legais dos estudantes e, consequentemente, sua independência econômica.

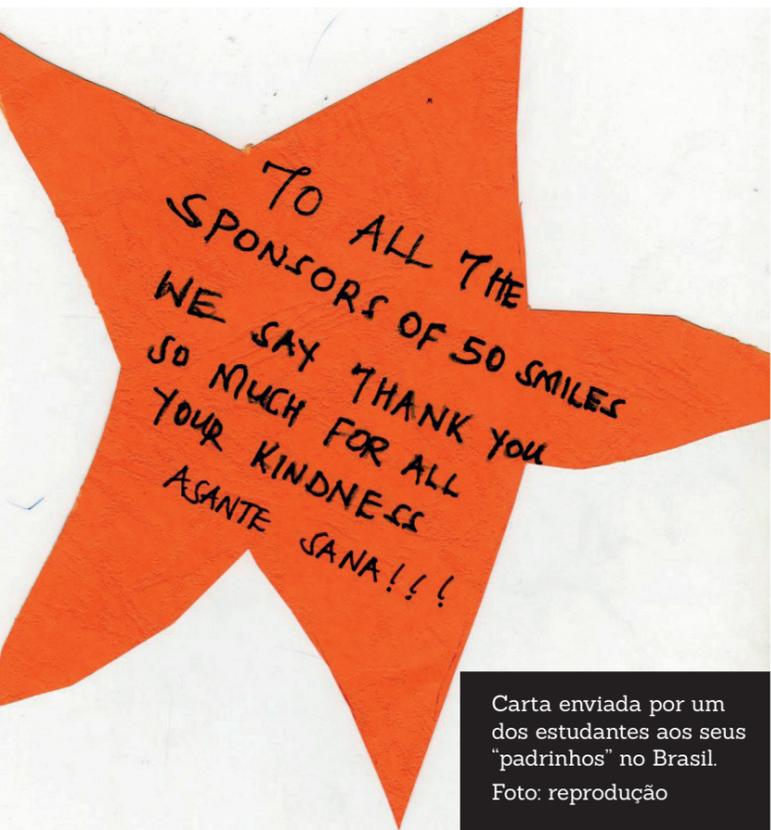
“Na verdade, a questão é que, e eu posso dizer isso, alguns de nós saímos de casa sem comer nada. Nós simplesmente acordamos, vestimos nosso uniforme e viemos para a escola. Nem mesmo tomamos um copo de chá.” A frase, dita de forma serena, é da estudante Roselyn Awuor, de 14 anos, que sonha ser jornalista. Ela está na classe oito, última etapa do ensino primário, e se prepara para realizar os exames finais. Como a maior parte dos moradores de

“SE NÃO HÁ COMIDA, OS PAIS CHEGAM A TIRAR OS FILHOS DA ESCOLA PARA QUE TRABALHEM E AO MENOS CONSIGAM ALGUM DINHEIRO PARA ENCHER A BARRIGA” MAUREEN GITURU

Mathare e demais regiões carentes de Nairóbi, a mãe de Roselyn está desempregada. “Somos só eu e minha mãe em casa. Eu costumo comer aqui na escola, já ela sempre dá um jeito, de vez em quando conta que pede comida para os vizinhos ou mesmo na rua.”

Os pais de Stephen Olumula, 17, estão na mesma situação. Sem renda fixa, não teriam condições financeiras para bancar os estudos do jovem que sonha em estudar Direito. Através do programa de apadrinhamento, ele está na terceira etapa do ensino secundário (que custa três vezes o valor do primário, numa média de R\$ 140 por mês). Olumula começou os estudos em Ngotas em 2008 e desde então pôde acompanhar o processo de transição da ONG. Mesmo já tendo se formado no ensino fundamental, durante suas férias ele retorna como voluntário para auxiliar os professores. “Sinto que o meu exemplo motiva e encoraja os alunos. Muitos pensam em ir embora, mas eu quero ter a chance de terminar a faculdade justamente para voltar e ajudar os meus ‘irmãos’ da favela.”

Julia teve a oportunidade de retornar ao Quênia em 2012, por dez dias, para visitar e acompanhar os impactos das doações. Naquele ano, o programa de alimentação já seguia firme, além de conquistas como novos uniformes, livros e professores. Mas, tantas obrigações e responsabilidades podem se tornar cansativas. “É bastante trabalho. Às vezes eu me sentia frustrada por acabar tendo tão pouco tempo para as minhas obrigações no Brasil. Por mais que tenham pessoas ajudando, elas são voluntárias, então de vez em quando eu ficava sobrecar-



Carta enviada por um dos estudantes aos seus “padrinhos” no Brasil.
Foto: reprodução

gada. Mas, ver como as pessoas melhoraram - não só as crianças, mas também a equipe e os pais, que ficaram mais motivados e envolvidos - fez tudo valer à pena”.

Além de tantas transformações imperceptíveis aos olhos, uma delas ganhou forma física e modificou a estrutura e funcionamento da escola. Em 2013, estudantes de Administração da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) elaboraram um projeto social e doaram o restante do dinheiro (R\$ 28 mil) à organização 50 Sorrisos, com o objetivo de reconstruir Ngotas Upendo. Sob a supervisão de um amigo de Julia, o administrador Vitor Gomes, a estrutura de madeira foi montada em apenas um mês, com direito a dois andares, oito salas de aula, escritório e um refeitório ao lado de fora, que também possui um pequeno altar para apresentações e orações aos domingos. A quantia também foi utilizada para a compra de um novo terreno, onde atualmente funciona a cozinha, uma sala de apoio e uma pequena plantação, desenvolvida pela voluntária brasileira Tatiana Inoue, em fevereiro deste ano.

Muitos outros brasileiros decidiram fazer intercâmbio em Nairóbi por causa do projeto. “É interessante porque cada um contribuiu de uma maneira, completando os trabalhos dos demais”, comenta Julia. No início do ano, a catarinense Renatha Flores criou um programa destinado exclusivamente aos professores, para custear a sua formação profissional. “Ao invés de juntar dinheiro para contratar professores formados, pensamos por que não capacitar os nossos profissionais?”, indaga Maureen. “Resolvemos garantir diplomas e certificados para aqueles que já trabalhavam na escola, porque se contratássemos pessoas de fora eles provavelmente ficariam desempregados e seriam engolidos pelos males da favela.”

“Ensinar é um chamado, está dentro de mim.” Eric Matysia, 24, ensina inglês, matemática e estudos sociais. Ele trabalha na escola há dois anos e conta que até começar a frequentar a faculdade, no início



Através do programa de doações, Eric e outros professores frequentam agora a universidade.

Foto: Julia Lindner

do ano, não possuía nenhuma técnica ou didática. O corpo docente de Ngotas recebe o pagamento através de uma organização alemã chamada Children of Mathare, num valor simbólico que equivale a R\$ 150. “Os desafios existem, mas depende de como você os aceita, porque não se deve olhar simplesmente para as questões financeiras, mas para a possibilidade de crescimento das crianças. Acredito que a educação é a chave para que as próximas gerações se encontrem numa situação melhor do que a nossa. É um ciclo.”

Em janeiro de 2014, Julia retornou a Nairóbi para a inauguração da nova escola. A festa foi adiada desde outubro para esperar a jovem, que, dessa vez, foi acompanhada pelos pais. “A viagem não estava nos planos, mas, devido às circunstâncias, tive que ir. Foi um momento muito especial”, diz. A mãe de Julia é assistente social e, mesmo já tendo visto muita pobreza nas favelas do Brasil, ficou impressionada com Mathare. Grande daquele jeito e naquela situação precária ela disse nunca ter visto. Entre as crianças que os recepcionaram, estava Musyoka Kyalo, o menino que comoveu Julia alguns anos antes e a inspirou no início do projeto. Aos 16 anos, ele está no último período do ensino fundamental e se prepara para realizar os exames finais. Mesmo alcançando boas notas, Musyoka depende de apoio financeiro para ter a chance de iniciar o ensino médio no próximo semestre.

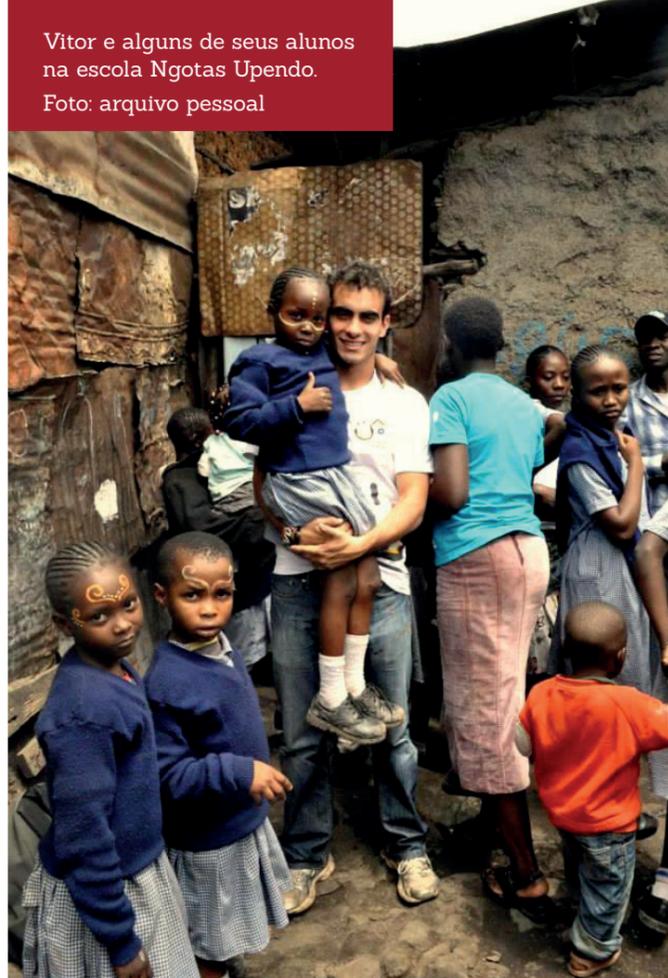
“VER COMO AS PESSOAS MELHORARAM - NÃO SÓ AS CRIANÇAS, MAS TAMBÉM A EQUIPE E OS PAIS, QUE FICARAM MAIS MOTIVADOS E ENVOLVIDOS - FEZ TUDO VALER À PENA”

UM LITRO DE LUZ

Vitor Gomes, 25, instalou mais de 100 lâmpadas feitas de garrafas plásticas em ONGs das principais comunidades de Nairóbi



Vitor e alguns de seus alunos na escola Ngotas Upendo.
Foto: arquivo pessoal



Garrafa plástica, água destilada e alvejante. Essa foi a receita básica utilizada por Vitor Gomes, 25, para iluminar escolas em situação de vulnerabilidade na cidade de Nairóbi. Com uma visão privilegiada da capital do Quênia, o jovem passou grande parte da sua viagem acompanhando a rotina dos moradores de cima dos telhados das principais favelas da região, Kibera e Mathare. Ele é responsável pelo projeto Um Litro de Luz no Brasil, associação internacional sem fins lucrativos que garante fontes de energia naturais, econômicas e sustentáveis para locais sem acesso à eletricidade.

Em maio de 2013, o brasileiro, que mora em Florianópolis, tinha a vida encaminhada. Formado em Administração, trabalhava durante o dia em uma empresa de comércio exterior e, à noite, cursava o penúltimo ano da faculdade de Direito. Foi então que decidiu fazer uma mudança, pediu demissão e se inscreveu num programa de intercâmbio social com duração de seis semanas. Amigo de Julia Nogara, fundadora do projeto 50 Sorrisos, voluntariou-se para atuar como professor na escola Ngotas Upendo. Ele também recebeu outra missão: supervisionar a reconstrução da ONG e efetuar o pagamento da obra.

“Eu fui para ajudar da melhor forma que eu podia. Em nenhum momento meu objetivo foi passar fome ou sede, eu queria conhecer outra realidade para, quem sabe, me tornar menos hipócrita. E foi o que aconteceu.” O brasileiro morava numa casa simples, porém confortável, com outros 21 intercambistas. Levantava cedo, comia duas fatias de pão, acompanhadas de um café forte, e embarcava rumo a Mathare (segunda maior favela do país, com cerca de 600 mil habitantes) num *matatu*. A expressão em suaíli, língua oficial do Quênia, serve para denominar um sistema de transporte privado muito popular de vans e mini ônibus – estima-

-se que são utilizados por 80% dos quenianos. Alguns veículos são personalizados, muito coloridos e grafitados com imagens de cantores internacionais e carros de luxo.

Considerados uma experiência à parte, possuem pontos de parada informais e não saem do lugar até estarem lotados. A música, que vai do gospel ao hip hop, muda de intensidade ao longo do dia e quase estoura as caixas de som. O preço da passagem também varia, dependendo do horário e, às vezes, da vontade dos funcionários. Para Vitor, apesar de interessante, era um dos momentos mais desconfortáveis do dia. “Alguns descrevem os *matatus* como uma festa, já que às vezes tem até luz neon, então você fica com a ideia de que é tudo divertido, mas para mim não era tanto. Primeiro, por causa do trânsito intenso; segundo, é muito apertado; e, terceiro, é um dos ambientes mais hostis, onde você está mais sujeito a ser assaltado”, explica.

“MUITAS CRIANÇAS FICAM O DIA INTEIRO NA RUA SEM FAZER NADA. CHOCOU-ME VER DIVERSAS DELAS BRINCANDO COM OS RESÍDUOS EM CHAMAS.”

Durante o percurso, que levava pelo menos uma hora, a proximidade com a favela revela uma quantidade impressionante de lixo, que contorna a rua principal. E é assim por toda a comunidade. Sem saneamento básico, as ruas de barro e lama se misturam com esgoto, sujeira e animais, como cabras e galinhas. “Muitas vezes, quando chovia eu literalmente andava na ‘merda’. No final do dia descobria poeira em lugares que nem imaginava. Sem falar no mau cheiro e na poluição. Alguns moradores têm o hábito de queimar lixo, por exemplo, o que gera uma fumaça tóxica que fica pairando na favela. O que mais me surpreendeu no dia em que eu cheguei foi justamente isso, a forma

como muitas crianças ficam o dia inteiro na rua sem fazer nada. Chocou-me ver diversas delas brincando com os resíduos em chamas.”

Em Ngotas Upendo, Vitor dividia a sala com outros dois professores. “Qualquer didática que eu tentava implantar chamava a atenção também dos alunos das outras classes, que se dispersavam. Então era muito difícil dar aula. Eu me perguntava até que ponto eu estava de fato contribuindo. Até porque, como você vai exigir atenção de uma criança que mal consegue enxergar o quadro e o material devido à falta de iluminação?”, questiona. Durante a reconstrução da escola, que começou na segunda semana do administrador em Nairóbi, as aulas foram transferidas para uma casa improvisada, onde as questões estruturais eram ainda mais delicadas. Na mesma época, ele percebeu que não importava o esforço que fizesse como professor, o resultado seria pífio. “Dando aula eu sentia que não estava deixando legado nenhum e o aprendizado que eu estava proporcionando a eles era quase zero.”



Sem tratamento, uma parte do lixo é arremessada para cima das casas.
Foto: João Victor Bolan

“COMO VOCÊ VAI EXIGIR ATENÇÃO DE ALGUÉM QUE MAL CONSEGUE ENXERGAR O QUADRO?”

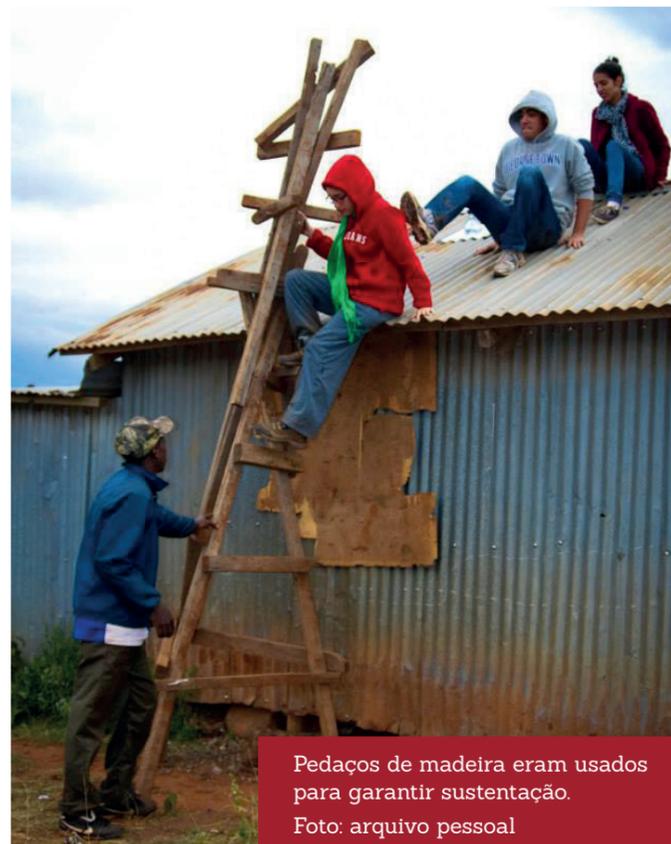
Em meio a inquietações e frustrações, o estudante soube, através de um amigo, sobre a possibilidade de iluminar ambientes utilizando garrafas de plástico. Ele fez uma pesquisa rápida na internet e encontrou os materiais necessários para colocar a ideia em prática - na época não sabia que existia uma organização fazendo isso em outras partes do mundo. A partir desse momento começou a produção das lâmpadas. A experiência consistia em colocar as garrafas plásticas com água e uma pequena quantidade de cloro ou alvejante no telhado, com o bico para fora e o fundo para dentro da casa. A parte inferior refletiria a luz do sol dentro do cômodo, pelo efeito de refração, como se fosse uma lâmpada elétrica de 40 W a 60 W, porém a baixo custo. A primeira escola em que instalou as garrafas foi Ngotas.

Quando ficou pronto, diretores de outras escolas foram conferir o resultado. Impressionados, começaram a solicitar que o jovem fizesse o mesmo em suas instituições. Contudo, ele tinha um cronograma a cumprir como professor. Devido à gravidade da questão energética no país - apenas 16% da população possuem acesso à eletricidade - e ao fato de que o processo de preparação e instalação das lâmpadas levava muito tempo, o brasileiro decidiu dar prioridade a isso (uma vez por semana retornava à Ngotas para acompanhar a reconstrução). Logo cedo ele preparava as garrafas e no início da tarde subia nos telhados. Por volta das 15h, quando os outros voluntários terminavam o expediente, iam ajudar.

“Os moradores só usam telhado de alumínio, então para colocarmos as garrafas tínhamos que cortar esse material com tesouras, mas nem sempre era possível usar luvas. Era muito comum nos cortarmos, por isso tínhamos um pequeno kit de primeiros socorros sempre conosco”, conta. Eles também levavam

pequenas vassouras e máscaras para limpar e se proteger quando estavam lá em cima. “É difícil descrever. Tudo o que eles não se sentem bem jogando no chão, que não é pouco, jogam no telhado.” Existe um termo chamado *flying toilet*, que, em tradução literal significa banheiro voador, devido ao fato dos moradores muitas vezes fazerem as necessidades em sacos plásticos e depois arremessá-los para cima das casas.

“Na verdade, hoje em dia percebo que era uma loucura o que a gente fazia lá, pois as casas sequer tinham estrutura para aguentar o peso de um ser humano em cima.” A solução era procurar os pilares que as sustentavam e, com outros pedaços de madeira, um grupo de três pessoas ficava embaixo literalmente segurando o teto. Outro truque era pisar somente em cima dos parafusos, porque diretamente sobre o alumínio o material cedia e afundava. Certa



Pedaços de madeira eram usados para garantir sustentação.
Foto: arquivo pessoal

**“HOJE EM DIA
PERCEBO QUE ERA
UMA LOUCURA
O QUE A GENTE
FAZIA LÁ”**

vez um amigo quase caiu, enfiou a perna dentro do telhado, mas não se machucou gravemente. “Tinha que ter um bom condicionamento físico, então comecei a ser mais exigente na escolha dos ajudantes, porque muitos começaram a se ferir ou mesmo a prejudicar a estrutura do telhado existente. A preocupação era não só com a saúde dos participantes, mas também em não deixar as escolas numa condição pior do que encontramos antes.”

O grupo chamava atenção, principalmente pelo fato de serem brancos num país onde a grande maioria é negra. Todos ficavam muito curiosos, ficavam olhando, provocando e conversando. Apesar de toda pobreza e do claro abandono do Estado, a situação na favela era muito diferente da que Vitor imaginava. “Existe um estigma de que assim que você entrar num lugar desses, você vai ver pessoas desnutridas, com fome, tristes, largadas aos cantos e morrendo. Na verdade não é nada disso. Você vai achar pessoas assim? Vai. Mas não é algo que

**“UMA DAS PARTES QUE EU ACHAVA
MAIS INTERESSANTE DESSE PROJETO
ERA PODER DESCANSAR EM CIMA DOS
TELHADOS, QUANDO EU OLHAVA E
VIA UM ‘MAR DE FAVELA’.”**

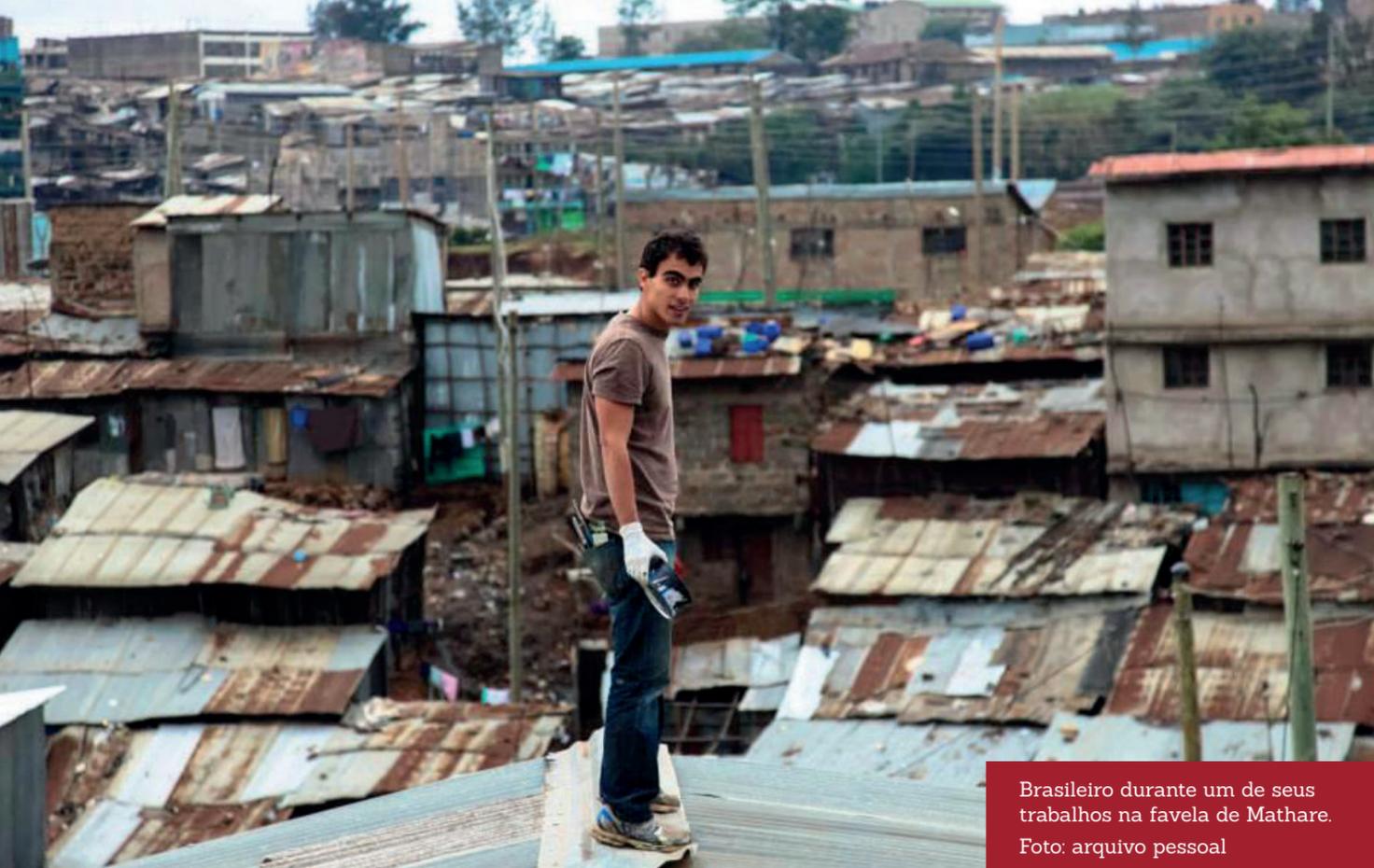


Grupo de voluntários reunido na vila da tribo Masai, onde instalaram 22 garrafas em um dia.
Foto: arquivo pessoal

você encontra com frequência, pelo contrário. Presenciava muitas pessoas cantando e sorrindo. O ambiente era muito mais alegre e amigoso do que eu esperava, mas ao mesmo tempo muito mais miserável e sujo. Um contrassenso que me marcou bastante.”

Dentro do caos, existiam momentos de muita paz. “Uma das partes que eu achava mais interessante desse projeto era poder descansar em cima dos telhados, quando eu olhava e via um ‘mar de favela’. Também tinha uma interação muito grande entre todos e brincávamos bastante, tanto com as crianças da comunidade que passavam, como entre os próprios intercambistas que ajudavam. Era um momento de diversão também, quando a gente se sentia em casa.” Depois que subia no telhado dava muito trabalho para descer, então, para se alimentar, as pessoas entregavam água e frutas. Durante um final de semana, alguns voluntários se reuniram para viajar até uma vila isolada da tribo Masai. Eles instalaram 22 garrafas, em um grupo de seis pessoas. Subiram às 8 da manhã e desceram às cinco da tarde. Foi o maior tempo em cima do telhado.

A maioria das escolas não tinha nenhum tipo de acesso à rede elétrica. Porém, numa das ONGs em Kibera - maior favela do Quênia, com mais de dois milhões de habitantes - exis-



Brasileiro durante um de seus trabalhos na favela de Mathare. Foto: arquivo pessoal

tia um grande problema com falta de energia, então Vitor foi chamado para ajudar. Ao se aproximar da instituição, notou que haviam seis fios desencapados em cima do telhado. “Fiquei com bastante medo, tinha que literalmente desviar o tempo todo, o que não é fácil de fazer em cima de uma cobertura instável, onde eu tinha que me preocupar com vários fatores ao mesmo tempo. Foi a situação mais difícil, mas também uma das mais satisfatórias, pois era uma sala de aula muito escura.”

As favelas possuem poucas ruas asfaltadas e com postes de luz. Com a expansão acelerada nas periferias, a população começou a puxar “gatos” dessas fiações principais. As instalações ilegais de energia se tornaram um problema muito sério nas comunidades. Devido ao principal material utilizado ser a madeira, que é altamente inflamável, e da proximidade entre as casas, é muito comum haver incêndios. Sem acesso adequado, os bombeiros demoram até conseguir se aproximar, o que aumenta o risco de danos. Certa vez, um médico da Índia, que

costumava ajudar Vitor, apareceu chorando. Falou que tinha tido um incêndio em uma das casas. Logo depois do ocorrido, ele perguntou se alguém precisava de ajuda, mas todos estavam em choque e ele decidiu entrar por conta própria na residência. Em meio ao que restou dos móveis e das cinzas, viu uma criança morta no chão. Foi algo que chocou a todos, mas que parecia corriqueiro para os moradores. O brasileiro presenciou outros casos semelhantes.

Vitor adiou o retorno ao Brasil por duas semanas. No dia em que foi embora ainda instalou algumas garrafas. A despedida foi difícil, pois tinha medo de perder os valores adquiridos com a experiência. No aeroporto, conversando com seu pai, ouviu uma frase que o marcou: “o ser humano é um produto do meio, logo você se acostuma”. Então pensou que a única forma de não tornar isso realidade seria modificar o ambiente ao seu redor. Assim que chegou, pesquisou e entrou em contato com os responsáveis pela ONG internacional Liter of Light e pediu autorização para iniciar o projeto ofi-

cialmente no Brasil. Por coincidência, a “luz engarrafada” foi inspirada na criação de um brasileiro. O mecânico Alfredo Moser pendurou a lâmpada improvisada no teto de sua casa em 2002, durante um apagão, e logo a ideia se espalhou. Ele nunca quis patentear a invenção e vive longe dos holofotes.

Illac Diaz, fundador da organização e presidente da matriz nas Filipinas, pediu para que Vitor enviasse fotos e vídeos do seu trabalho em Nairóbi. Ficou impressionado, pois disse que já existia uma Liter Of Light oficialmente no Quênia. Em compensação, eles instalaram cinco garrafas em um ano, enquanto Vitor e os amigos colocaram 140 em dois meses. Outros dois brasileiros, Alanna Sousa e Pedro Santos, também moradores de Florianópolis, já haviam desenvolvido uma pesquisa teórica e demonstrado interesse à Diaz de dar sequência ao projeto. Junto com a experiência de Vitor, a associação sem fins lucrativos ganhou força e passou a realizar instalações em Santa Catarina. Atualmente existe uma equipe orga-

nizada, que faz análises nas comunidades e oferece workshops para mostrar como funciona a energia sustentável oferecida. O objetivo é disseminar a ideia pelo Brasil para que também vire uma fonte de renda para os moradores.

“Um dos maiores motivos de eu ter criado esse projeto foi tentar manter um pouco da África dentro de mim. Chegando aqui eu percebi que não era a mesma coisa, foram feitas adaptações e, num processo totalmente natural, reunimos pessoas engajadas que fizeram a Litro de Luz acontecer. Ao mesmo tempo em que me sinto realizado (como co-fundador e presidente), também não acho que estou fazendo nada demais. É isso que eu quero para a minha vida, empreender na área social, podendo nutrir esse sentimento de utilidade que é raro. A gente não faz isso pelos outros, e sim por nós mesmos, por isso que acredito que quem está envolvido em projetos sociais não para, pois a sensação é tão boa que se torna um vício”, conclui.

“NÃO FAZEMOS ISSO PELOS OUTROS, E SIM POR NÓS MESMOS. A SENSACÃO É TÃO BOA QUE SE TORNA UM VÍCIO.”



Uma das primeiras “luzes engarrafadas” instaladas em Santa Catarina. Foto: Arquivo Pessoal

KABIRIA

Renatha Flores, 23, conheceu um grupo de refugiados do Congo e fundou com eles uma marca social



Campanha da primeira coleção de roupas.
Foto: Andréia Takeushi



Renatha e os funcionários da Kabiria em reunião durante o início do projeto.
Foto: Arquivo Pessoal

Quando levantou a blusa levemente para amamentar o bebê, um descuido revelou parte da barriga de uma das mulheres que estavam costurando. Na pele, a marca de uma guerra que toma conta da República Democrática do Congo (RDC) há duas décadas e maltrata a população, principalmente as mulheres, que sofrem diversos tipos de violência. Ao ver a cicatriz, a brasileira Renatha Flores sabia bem do que se tratava. Ela conviveu por meses com refugiados congolezes em Nairóbi, na vila Kabiria, onde criou uma marca social de roupas que leva o mesmo nome. O objetivo é capacitar e garantir a independência econômica de uma parcela da população que é exceção no Quênia, mas que cresce a cada ano. Pessoas que não são bem vindas em seus países e seguem em busca de abrigo e uma vida melhor.

Renatha, 23, é estudante de Artes Cênicas, e foi através do teatro que despertou o seu interesse pela África. Ao dirigir uma peça temática, há dois anos, a jovem se encantou pelo figurino.

Filha de uma jornalista de moda, ela conviveu desde pequena com grandes produções, mas nunca se interessou pela área. Foi apelidada de hippie pela mãe e dava de ombros quando ganhava blusas com as tendências da estação. No entanto, as cores e estampas diferenciadas com inspiração na cultura queniana a atraíram e a fizeram pesquisar mais sobre o país. Conheceu a organização 50 Sorrisos, administrada por Julia Nogara, e entrou em contato para saber mais. A catarinense decidiu realizar o projeto final da faculdade sobre a influência da arte no ensino e aprendizagem de algumas escolas de Nairóbi e região.

A ideia de viajar por quatro semanas para ser professora, que se tornou realidade em dezembro de 2013, acabou sendo prolongada por mais cinco meses. Renatha viajou de forma independente, chegou a fazer um empréstimo para bancar a empreitada, e teve a chance de visitar mais de dez instituições. Trabalhou numa creche onde os alunos só sabiam falar suaíli, de-

envolveu um programa de apoio à formação dos professores de Ngotas Upendo, comprou livros para uma escola na favela de Kibera e atuou como voluntária na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Em meio a uma rotina repleta de desafios e compromissos, ela conheceu Jacob Kombozi, 40, um refugiado do Congo que possuía uma pequena loja de costura, numa comunidade tranquila chamada Kabiria.

A região é conhecida pela concentração de congolezes que fugiram dos conflitos recentes no país, que estão diretamente ligados ao genocídio em Ruanda, em 1994. Há 20 anos, a tensão étnica cruzou a fronteira para as terras sem lei do leste do Congo, onde grupos rebeldes começaram a se organizar e a ocupar as áreas ricas em minérios, gerando uma disputa territorial entre milícias e o exército nacional. Desde então, foram contabilizados mais de seis milhões de mortos, tornando-se o mais sangrento conflito desde a Segunda Guerra Mundial. As histórias, que muitas vezes se re-

petem, chocaram e comoveram Renatha. Quem as contava ou traduzia era Jacob, o único do grupo a falar inglês. Uma das principais dificuldades de adaptação deles é justamente a diferença de idioma, já que falam apenas o francês e outros dialetos tribais, que podem variar dependendo da região.

É o caso de Echa Majaliwa, 39, que mora em Nairóbi há três anos. Ele era veterinário e foi considerado um inimigo de seu vilarejo por ajudar a tratar os animais da tribo rival, que estavam muito doentes. Durante a noite, um grupo invadiu a sua casa e violentou a esposa. Ele viu tudo. Sentindo-se ameaçados, foram para o hospital com os cinco filhos e os documentos da família, deixando todo o resto para trás, e depois fugiram para a Tanzânia. Como o campo de refugiados estava lotado, receberam a indicação de uma equipe da ONU para seguir viagem até o Quênia. Um caso que deveria ser exceção e virou regra. O estupro é utilizado na RDC há anos como arma de guerra, para demonstrar força e humilhar oponentes.

**O ESTUPRO É
UTILIZADO NA RDC
HÁ ANOS COMO ARMA
DE GUERRA, PARA
DEMONSTRAR FORÇA**



Uma das primeiras máquinas de costura da marca, adquirida através de doações.
Foto: Arquivo Pessoal

Ainda no ensino primário, a jovem Florence Masoka, então com 14 anos, foi atacada por três membros das Forças Armadas Congolesas, as FARDC, na floresta. Quando seu pai reconheceu um dos soldados e o denunciou à polícia, o militar ficou impune e reuniu homens para atacar sua família como forma de vingança. Florence fugiu grávida, com os tios, e há três anos não sabe o que aconteceu com os pais. Acredita-se que esse tipo de violência ocorra também devido a razões econômicas, a fim de dominar territórios ricos em recursos naturais. Um relatório do Escritório Conjunto de Direitos Humanos da ONU, publicado no início de 2014, expõe que mais da metade dos crimes sexuais são cometidos por agentes do Estado.

Zuena Dudi, 22, foi vítima de outra prática frequente e cruel. Ao resistir a um estupro de integrantes de uma tribo oponente, ouviu a ordem para matá-la e em seguida desfalceu. Bateram nela, cortaram sua barriga e a deixaram num campo isolado. Algumas horas depois foi encontrada e socorrida. Fugiu sozinha e sem família. Normalmente esse tipo de brutalidade é praticado em mulheres grávidas, que, depois de machucadas, vêem os fetos serem arrancados e esmagados. Furaha, a esposa de Jacob, também viveu essa experiência. Longe do marido, que chegou à Nairóbi dois anos antes, em 2008, ela passou por momentos de horror. Depois do primeiro trauma, foi posteriormente violentada e teve um filho em 2011, que foi assumido e é criado pelo congolês. A família atualmente tem seis crianças e tem dificuldade para se manter.

“Eles nunca me pediram nada, mas, como nos tornamos amigos, eu sabia das dificuldades que estavam passando. Para ajudar, eu e a argentina Noelia Negri pensamos em ensiná-los a assar bolos, depois a produzir sabão, por fim,

percebemos o óbvio, seria muito mais fácil aprimorar as técnicas de costura que Jacob já possuía e ensiná-las aos demais. Lembrei de uma palestra que assisti certa vez que dizia: ‘se você quer ajudar alguém, cale-se e escute’. Foi tudo o que eu precisei fazer. Depois de 40 dias eles já recebiam aulas de corte e costura e também o primeiro salário”, conta Renatha. A produção, que inicialmente era feita por dez pessoas, acontecia nos fundos de uma igreja. Através de doações, possuíam três máquinas usadas. Com a colaboração da agente social Renata Quintella, foi possível arrecadar recursos para o conserto de uma quarta máquina e compra de uma nova.



Equipe de costureiros e aprendizes durante a aula de modelagem.
Foto: Julia Lindner

“LEMBREI DE UMA PALESTRA QUE ASSISTI CERTA VEZ QUE DIZIA: ‘SE VOCÊ QUER AJUDAR ALGUÉM, CALE-SE E ESCUTE’. FOI TUDO O QUE EU PRECISEI FAZER”



Mãe de seis filhos, a esposa de Jacob trabalha com o caçula no colo.
Foto: Julia Lindner

Mas, a jovem diz que não estava fazendo caridade. Ela também pensava numa ocupação para depois da faculdade, algo que a motivasse, criasse uma ponte com a África e gerasse oportunidades de emprego para desenvolver a região. Como montar uma cooperativa exigia muito dinheiro e uma série de exigências burocráticas, surgiu a ideia de um negócio social. “O meu sonho é que um dia acumulemos renda suficiente com a marca para montarmos um centro cultural, pois essa é a minha área de atuação”, informa. Atualmente, grande parte dos funcionários não possui o certificado oficial de cidadania do governo, mas sim um documento da ACNUR, a Agência de Refugiados da ONU. Sem o primeiro ofício, para o qual é preciso pagar uma taxa, a dificuldade para

NORMALMENTE ESSE TIPO DE BRUTALIDADE É PRATICADO EM MULHERES GRÁVIDAS, QUE, DEPOIS DE MACHUCADAS, VÊM OS FETOS SEREM ARRANCADOS E ESMAGADOS

conseguir empregos torna-se ainda maior, e também a inscrição das crianças em escolas públicas ou privadas.

A relação do governo queniano com os refugiados de um modo geral mudou após a insurgência do grupo islâmico Al Shabab na Somália, que provocou um aumento nos pedidos de abrigo de inúmeros cidadãos do país. Desde 2011, os rebeldes vêm sendo acusados de promover diversos ataques terroristas, que se intensificaram no Quênia entre 2013 e 2014. Os atentados, que ocorreram principalmente contra centros comerciais e transportes coletivos, fizeram com que todos os expatriados, antes tratados com certo cuidado, fossem vistos pelo governo como ameaças à segurança nacional. Em março de 2014, foi emitido um comunicado oficial que forçava 50 mil pessoas a voltarem para os campos de refugiados, conhecidos pela superlotação, o que gerou mais revolta. É no território queniano que está localizado o maior campo de refugiados do mundo, chamado Dabaab, que possui cerca de 300 mil pessoas num espaço destinado a 170 mil.



Veículos de transporte coletivo também foram alvos de ataques terroristas.
Foto: arquivo pessoal

RENATHA COMEÇOU A FICAR PARANOICA, COMO SE UMA BOMBA FOSSE ESTOURAR NO ÔNIBUS A QUALQUER MOMENTO. FOI ENTÃO QUE PERCEBEU QUE ERA HORA DE RETORNAR AO BRASIL

Em maio, Renatha presenciou de perto um dos ataques, que ocorreu em um ponto de ônibus no centro da capital, próximo ao escritório da Unesco, onde ela trabalhava uma vez por semana no setor direcionado à juventude. Na rua, o som das sirenes era intenso, e ela viu dezenas de pessoas desmaiadas e com ferimentos e fraturas expostas. As imagens quase a fizeram vomitar. A partir daí, o acesso a algumas regiões passou a não ser mais recomendado, como era o caso da favela de Mathare, onde acontecia a maior parte das explosões em transportes coletivos. Ao embarcar para mais um dia de trabalho em Ngotas, Renatha começou a ficar paranóica, como se uma bomba fosse estourar no *matatu* a qualquer momento. Foi então que percebeu que era hora de retornar ao Brasil provisoriamente.

Semanas antes de embarcar, Renatha se certificou de que as peças de roupas continuariam a ser desenvolvidas à distância, para depois serem comercializadas em Florianópolis – a média de preços é de R\$ 120. Com o dinheiro das primeiras vendas e um investimento pessoal de cinco mil reais, Renatha garantiu um

espaço alugado para o desenvolvimento exclusivo do projeto e o pagamento das primeiras despesas. Desde então, ela também envia uma quantia simbólica a cada um dos oito funcionários, equivalente a R\$ 200, para que trabalhem meio período e estudem no restante do dia. Dois meses depois, outra catarinense viajou à África como voluntária da marca. Lela Anzanello, 25, formada em Design de Moda, se tornou estilista oficial da Kabiria e passou a dar aulas de modelagem para o grupo de congoleses. Ela ficou sabendo do projeto através do jornal e, apesar de conversar com Renatha frequentemente, as duas nunca se viram pessoalmente.

Lela foi para Nairóbi em julho deste ano e pretendia permanecer por três meses na cidade, mas acabou prorrogando sua passagem para fevereiro de 2015. Desde setembro ela também recebe um salário de R\$ 800. Além da supervisão, é ela a responsável pela difícil tarefa de comprar os tecidos dos vestidos, blusas e saias femininos. “Para encontrar diferentes padronagens por um bom preço vou a um local chamado ‘terra dos somalis’. É um grande merca-

do de rua, com todos os tipos de produtos que vêm de vários locais da África. Por lá, é lixo para todo lado, ônibus andando pelo meio-fio, carrinhos de mão lotados se apertando em calçadas estreitas e pessoas com caixas enormes na cabeça andando pelas ruelas. Uma loucura. Sem contar que sempre devemos estar alertas aos famosos batedores de carteira, que sempre geram alguma briga. Para eu me sentir confiante, me visto como uma muçulmana, com vestido longo e lenço na cabeça, assim sou só mais uma na multidão. A melhor estratégia que eu encontrei para não ser vista e tratada como uma *mzungu* (descendente de europeus)”, explica.

Renatha afirma que também sentia um tratamento diferenciado pelo fato de ser branca. “Algumas formas para eu me aproximar da população local era pela língua ‘mãe’, o suaíli, e pelos trajes. É preciso considerar os processos de colonialismo e neocolonialismo que existem. Eu entendo o contexto, mas às vezes voltava para casa triste, pois queria muito ser um deles”, desabafa. A jovem, que afirma ter se apaixonado pela capital do Quênia, já planeja o seu retorno para Nairóbi no ano que vem. Enquanto isso, ela continua engajada em arrecadar fundos para o programa de auxílio aos professores de Ngotas Upendo e também buscando recursos para financiar a marca Kabiria. “Vejo a educação como uma forma de mudança e transformação social. E no Quênia existe muito potencial para isso, especialmente porque eles ainda têm pouco acesso ao mundo globalizado de hoje.”



Lela e os congoleses em clima de descontração após o fim do expediente.
Foto: Julia Lindner

“VEJO A EDUCAÇÃO COMO UMA FORMA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL. E NO QUÊNIA EXISTE MUITO POTENCIAL PARA ISSO”

GLOSSÁRIO

Além do Quênia, o suaíli (também conhecido como swahili ou kiswahili), é adotado oficialmente na Tanzânia e em Uganda. Com origem árabe, é uma das línguas mais tradicionais e populares da África. Confira abaixo algumas palavras e expressões do idioma traduzidas para o português.

ASANTE	OBRIGADA
HABARI	OLÁ
HABARI YAKO?	COMO VAI VOCÊ?
HAKUNA MATATA	SEM PREOCUPAÇÃO
IPI?	QUAL?
JAMBO	OI
JINA LAKO NI NANI?	QUAL É O SEU NOME?
JINA LANGU NI...	MEU NOME É...
KARIBU	BEM VINDO
KILA LA KHERI	BOA SORTE
KWAHERI	ADEUS
MIMI	EU
MWALIMU	PROFESSOR
NINI?	O QUE?
SAMAHANI	DESCULPA
SASA	AGORA
SAWA	OK
SISI	NÓS
SIWEZI KUSEMA SWAHILI	EU NÃO SEI FALAR SUAÍLI
TAFADHALI	POR FAVOR
UPENDO	AMOR
USIFANYE HIVYO!	PARE!
WAKATI GANI?	QUANDO?
WAO	ELES
WAPI?	ONDE?
WEWE	VOCÊ
YEYE	ELE/ELA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Reportagem e edição
JULIA TAVARES LINDNER

Orientação
JORGE KANEHIDE IJUIM

Projeto gráfico
ELISA VITÓRIO

Ilustração
TIAGO KAWATA

Fotografia
JOÃO VICTOR BOLAN

Dezembro de 2014